



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MARTINS SARMENTO E A ARQUEOLOGIA DOS CASTROS.

MARTINS, Manuela

Ano: 1995 | Número: 105

Como citar este documento:

MARTINS, Manuela, Martins Sarmento e a Arqueologia dos Castros. *Revista de Guimarães*, 105 Jan.-Dez. 1995, p. 127-138.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Martins Sarmento e a arqueologia dos castros¹

Manuela Martins*

Revista de Guimarães, n.º 105, 1995, pp. 127-138

Muitos foram já os biógrafos de Martins Sarmento que tentaram, através dos seus escritos publicados ou inéditos, ou de um conhecimento mais ou menos directo da sua personalidade, definir o carácter e a obra deste ilustre investigador vimaranense. Entre eles podemos citar Alberto Sampaio (1899-1903), Mário Cardoso, profundo conhecedor da sua obra, (1927, 115-185; 1933), ou ainda Mendes Correia (1933), Alfredo Pimenta (1933) e Vergílio Correia (1933), autores que o homenagearam pelas suas qualidades humanas e científicas.

No entanto, é talvez nas palavras de E. Hübner, ilustre investigador alemão que com ele conviveu e manteve intensa e profícua correspondência, que podemos apreender algo da complexa personalidade de M. Sarmento, bem como da sua notável erudição. E. Hübner define-o como ilustre investigador das citâncias, intérprete sagaz de Avieno, cicerone intrépido dos Argonautas pelas longínquas regiões do Ocidente, onde ele próprio nasceu e viveu, consagrado a tudo o que é bom e honesto, cultor feliz da História pátria e das Musas. Afirma ainda que M. Sarmento honrou a sua terra, o seu país e

¹ Conferência proferida na Sociedade Martins Sarmento em 9 de Março de 1991.

* Professora Associada da Universidade do Minho.

o seu tempo. Tentemos justificar porque razão julgamos serem as palavras de Hübner bem definidoras do homem e da obra.

Quando, em 1874, M. Sarmento decide dar início às escavações da Citânia de Briteiros, inaugurando uma fase da sua vida intelectual, a de cientista, possuía uma sólida formação autodidacta em línguas, artes e humanidades que constituiu a base para o seu trabalho. Tão sólida preparação serviu-lhe para alicerçar, quer a sua obra erudita, que se baseará no exame atento e na crítica das fontes literárias, permitindo a edição de obras como a *Ora Maritima de Avieno* (1880) e os *Argonautas* (1887), quer o seu trabalho no terreno, cujo objectivo principal seria a identificação das origens dos habitantes antigos do território português. É nesta última orientação que se inserem os trabalhos de escavação da Citânia e Sabroso, as inúmeras prospecções que realizou no Entre-Douro-e-Minho, acções que fazem nascer a Arqueologia dos castros. É ainda nesta orientação que se incluem muitos dos seus escritos relativos à Etnologia peninsular, designadamente os seus artigos sobre *Os Lusitanos* (1880), *Os Celtas na Lusitânia* (1882), ou aquele outro intitulado *Lusitanos, Ligures e Celtas* (1890-91). De facto, M. Sarmento não se esgotou na investigação dos castros e a arqueologia foi sempre para ele, mais do que um objectivo, um modo de aceder aos homens e às origens do povo português.

Este objectivo histórico que se encontrava no cerne de todas as pesquisas de M. Sarmento era profundamente patriótico, mas a verdade é que ele projectava entre nós uma concepção e interesse científicos que faziam escola além fronteiras. Martins Sarmento honrava o seu país na busca das suas remotas origens, mas honrava também o seu tempo, mostrando a sua actualização. Com efeito, o terceiro quartel do séc. XIX viu desabrochar fulidianamente os estudos da Pré-História europeia que irão ter em Portugal os seus ecos nas primeiras explorações das grutas e povoados estremenhos, trabalho a que se encontram ligados nomes como Carlos Ribeiro, Nery Delgado e Pereira da Costa. Um pouco mais tardio é o interesse que se generaliza na Europa culta pelas antiguidades pré-clássicas. Este

interesse pelos povos proto-históricos inicia-se com as explorações de Schlieman em 1871, nas colinas de Hissarlik, onde julga descobrir a Tróia de Homero, rapidamente alargadas a Micenas e Tirinto. As fabulosas descobertas orientais empolgaram facilmente os eruditos europeus, dando-se assim início ao estudo dos diferentes povos citados nas fontes literárias, como os Germanos, Celtas, Iberos e Ligures. Ora a obra científica de M. Sarmento cristaliza em Portugal a orientação de estudos europeus do último terço do século XIX. Profunda actualidade a deste homem que honrou bem, nas palavras de E. Hübner, o seu tempo e o seu país.

É a procura das nossas raízes pré-romanas, onde julgava ser possível encontrar a nossa verdadeira identidade que levam M. Sarmento a iniciar as escavações de Briteiros, em 1875, quatro anos depois de iniciados os trabalhos de Schlieman, na Tróia homérica. Toda a sua obra é a partir de então arqueológica e etnológica. Estudos em castros, inventário e estudo dos materiais, servem-lhe, conjuntamente com a interpretação das fontes escritas, para tentar compreender as origens do povoamento do território nacional. Fixar a cronologia da Citânia, onde realiza escavações, sem interrupção, até 1884 e da civilização que pouco a pouco ia desenterrando, constituiu o objectivo primário de M. Sarmento. No entanto, considerava indispensável a criação de uma base comparativa para os seus dados, pelo que realiza escavações simultâneas no vizinho povoado de Sabroso, durante quatro anos (1876-1880). Insatisfeito ainda, decide alargar o âmbito das suas pesquisas ao Entre-Douro-e-Minho.

Na verdade tudo o que se referia aos castros o interessava: prospectou o Entre-Douro-e-Minho, especialmente a parte litoral, tendo identificado mais de meia centena de castros; tentou realizar o primeiro inventário arqueológico do Minho, ordenando e classificando numerosos achados; consagrou centenas de páginas às suas reflexões sobre os castros, muitas das quais permanecem ainda inéditas.

Deve-se assim a M. Sarmento o início da árdua tarefa de inventário e catalogação dos castros portugueses que ainda hoje, quase um século volvido, não está completa. Através desse árduo

trabalho deu a conhecer dezenas de castros que divulga em trabalhos monográficos, como a sua série *Materiais para a Arqueologia do distrito de Viana* (1882), *Materiais para a Arqueologia da comarca de Barcelos* (1894) e *Materiais para Arqueologia do concelho de Guimarães* (1884-96), cuja edição foi concluída postumamente, entre 1901-1909. Podem ainda encontrar-se numerosas referências aos castros noutros trabalhos, designadamente: *Sobre as antigas cidades da Ibéria* (1879), *A propósito de castros* (1883), *Cidade Velha de Monte Córdova* (1895).

Deve-se igualmente a M. Sarmento o conhecimento de uma das maiores citâncias do NO peninsular, conhecida e referida na bibliografia desde o séc. XVI. A Citânia começa por ser divulgada por um folheto com que Sarmento faz acompanhar uma coleção de 37 fotografias, que reuniu das escavações. A partir de 1879 a Citânia passará a ser conhecida além fronteiras e, em 1880, merecerá a visita dos congressistas do IX Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas. O trabalho de M. Sarmento foi então difundido e conhecido nos meios eruditos europeus, recebendo os maiores elogios, de homens como H. Hübner, Virchow, E. Cartailhac e A. Schützen.

Mas M. Sarmento não recebeu apenas elogios. Houve quem o criticasse por não ter produzido um trabalho de grande fôlego sobre a Citânia e sobre Sabroso. Críticas talvez injustas, atendendo a que o investigador redigiu mais de 4000 páginas sobre as duas estações, tendo mesmo em projecto escrever uma obra sobre o assunto que a morte prematura impossibilitou.

De facto, entre os seus inéditos, conservados na Sociedade Martins Sarmento, contam-se, entre outros, os manuscritos, Citânia e Sabroso, (1873-1883), com o subtítulo *Notas diárias e reflexões críticas sobre as explorações arqueológicas destes dois castros*, ou ainda o seu diário de escavações, também inédito.

Mas não devemos talvez esquecer que o objectivo último de M. Sarmento era o conhecimento das origens étnicas dos Lusitanos. Ele foi essencialmente, e sempre, um etnólogo. Embora escrevendo sobre

temas de arqueologia esta disciplina só o interessava como meio de documentar as origens do povo português.

O próprio M. Sarmento chega a afirmar “as minhas escavações tinham por único objectivo procurar elementos que me guiassem mais seguramente que os livros no problema das nossas origens étnicas. Nunca pretendi honras de arqueólogo”.

De facto, não o preocupavam as antigualhas, no sentido coleccionista do termo, nem o movia a simples curiosidade do pesquisador de coisas antigas. Através das escavações da Citânia M. Sarmento procurava fazer reviver o passado. Mais do que os objectos interessavam-lhe os homens, mais do que os muros, simples pedras sobrepostas e alinhadas, interessava-lhe a vivência dos longínquos habitantes citanienses. Neste sentido, M. Sarmento é muito mais um antropólogo do que um arqueólogo. Mas essa exigência de M. Sarmento fazia a si próprio constituir, simultaneamente, uma vantagem e um inconveniente. Vantagem, porque dos seus trabalhos ressalta sempre um forte poder de reconstituição, secundado por uma sólida preparação científica. Um inconveniente, porque a sua inclinação especulativa fazia-o aspirar a deduções mais amplas e generalizantes. Isso exigia-lhe um tempo de reflexão que acabou por não ser compatível com a sua curta vida. Ele próprio exprimiu amiúde aos que o encorajavam a publicar um estudo monográfico sobre as explorações de Briteiros e Sabroso, ou mesmo uma obra de conjunto sobre o problema dos castros, que não podia limitar-se a um relato descriptivo das suas descobertas, resultantes da simples análise dos documentos arqueológicos. Por outro lado, defrontava-se não só com a morosidade do trabalho arqueológico, como com a acumulação de materiais e os encargos com as escavações. No entanto, chegou a conceber o projecto de um trabalho que tencionava publicar na Portugália, sob o tema *Materiais para a Arqueologia do Entre-Douro-e-Minho*, que a morte prematura inviabilizou.

Do trabalho de M. Sarmento relativo aos castros ressaltam alguns aspectos dignos de nota. Ele foi de facto o primeiro investigador a interessar-se de um modo sistemático e científico por uma área

cultural precisa no âmbito da nossa proto-história, caracterizada pela presença de largas centenas de castros. Estes povoados eram conhecidos por João de Barros (*Geografia do Entre-Douro-e-Minho*, séc. XVI), Frei Bernardo de Brito (*Monarquia Lusitana*, 1598), Gaspar Estácio (*Várias Antiguidades de Portugal*, 1625), António Carvalho da Costa (*Corografia Portuguesa*, 1706) e ainda J. Contador de Argote.

Dos seus estudos comparativos deduz M. Sarmento a antiguidade dos castros, considerando que os construtores das citâncias haviam sido povos pré-romanos e pré-celtas, oriundos das primeiras migrações arianas, estabelecidos em épocas remotas no Ocidente da Ibéria. A origem pré-celta dos Lusitanos, que defende, é original, pois recusa um dos preconceitos então vigentes, o do celtismo, que marcava a interpretação das nossas antiguidades. Ao defender a tese ligúrica para a origem dos Lusitanos, demonstra, não só um profundo conhecimento da Etnologia europeia, como também o seu espírito avesso a aceitações demasiado simplistas. Afirma mesmo, num trabalho seu sobre a *Arte pré-romana* (1879) no meio da ignorância em que estamos acerca dos primeiros povos de origem indo-europeia que ocupavam a P. Ibérica o celtismo tornou-se um recurso banal. Esperamos poder demonstrar que tal denominação deve ser proscrita quando se fala de Lusitanos e Galegos, que muito provavelmente já estavam na posse desta parte da Europa, séculos antes da aparição dos Celtas nestas regiões”.

Martins Sarmento revelou de resto outras características pioneiras em termos de investigação arqueológica. Tal como se recusa a aceitar o Celtismo dos Lusitanos, não se deixa fascinar pelo terreno fácil do orientalismo, então em voga, salientando a autonomia das culturas pré-históricas atlânticas em relação ao Mediterrâneo oriental. M. Sarmento, mergulhava assim numa área nebulosa da investigação do nosso passado, a da origem étnica das comunidades peninsulares, temática sobejamente debatida, mas ainda hoje profundamente controversa. De qualquer modo, independentemente da validade das asserções de Sarmento, ele foi o precursor dessa vertente de

investigação que é a interpretação da etnogénese dos povos peninsulares.

Ao sábio vimaranense cabe a glória de ter iniciado o estudo de muitos problemas relativos às nossas origens étnicas que serviu de ponto de partida para novos trabalhos de outros investigadores. Por outro lado, as pesquisas de M. Sarmento permitiram articular entre si os dados respeitantes às províncias do Minho e da Galiza e preencher a lacuna entre a realidade Pré-histórica portuguesa, cujo estudo foi iniciado pelos Serviços Geológicos de Portugal e a Idade Média sistematizada por A. Herculano.

Martins Sarmento teve ainda o mérito de atrair a si um grupo de jovens entusiastas pelas ciências naturais e pela arqueologia, grupo que funda, em 1887, a Sociedade Carlos Ribeiro. Integrando homens como Ricardo Severo, Rocha Peixoto e Fonseca Cardoso, ao qual se juntará também José Fortes, este grupo dará origem, em 1890, à *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, à qual sucedeu, em 1899, a revista *Portugália*. Alguns destes investigadores serão seguidores de M. Sarmento na pesquisa dos castros. José Fortes realiza escavações em Alvarelhos (1899), Fonseca Cardoso e Ricardo Severo, respectivamente em Bagunte e Vilarinho de Cotas. Outras escavações como as do castelo de Guifões (Matosinhos), cidade de Terroso (Póvoa de Varzim), mantêm vivo o genuíno interesse de M. Sarmento pelos castros da região do Minho.

Os homens da Portugália tal como M. Sarmento e L. de Vasconcelos opunham-se à afirmação de A. Herculano relativa à inexistência de relações genealógicas entre os portugueses e as populações pré e proto-históricas, especialmente com os Lusitanos. Defendiam, em contrapartida, o nacionalismo étnico, assunto que constitui o corolário dos estudos de Alberto Sampaio, outro colaborador da Portugália, que procurou filiar as origens dos modernos núcleos de povoamento do país nas cidades e citâncias proto-históricas.

Após a morte de Sarmento as investigações nos castros irão prosseguir essencialmente ligados ao grupo da Portugália, até pelo

menos 1908. No entanto, posteriormente a esta data será o Museu Etnológico Português, fundado em Lisboa, em 1894, ligado à figura de J. Leite de Vasconcelos, que irá manter uma estreita ligação com investigadores locais, servindo mesmo de insvestigador de escavações e prospecções, como as que serão realizadas por F. Alves Pereira na região dos Arcos de Valdevez, ou divulgando trabalhos e resultados na revista "O Arqueólogo Português", fundada em 1895. Assim acontecerá, por exemplo com os trabalhos de alguns investigadores locais, como Albano Belino que entre 1893 e 1900 realiza escavações em castros da região de Braga, especialmente no Monte Redondo.

O fim do grupo da Portugália coincide com os inícios de um período pouco feliz para o estudo dos castros e, de um modo geral, para a arqueologia portuguesa. A um período de intensa actividade que caracteriza as últimas décadas do séc. XIX irá suceder-se um profundo marasmo, quebrado por raras e honrosas contribuições, que não chegam para minimizar, nem a demissão dos poderes públicos em relação ao estudo da Pré-história portuguesa, nem o atraso que desde então nos distancia, cada vez mais, da investigação europeia.

É verdade que a investigação dos castros prossegue, mas de um modo pouco consequente. Regista-se uma paulatina acumulação de materiais recolhidos em museus, mas é perceptível uma total insuficiência de meios e de técnicas que permitissem melhorar a qualidade das pesquisas. Os materiais raramente eram estudados, pois não existiam organismos que suportassem a investigação. Os museus, por sua vez, tornam-se então verdadeiros depósitos de peças, muitas vezes sem quaisquer indicações de proveniência. O conhecimento estiola em repetições, sem uma necessária renovação. De facto, a arqueologia dos castros viverá nas primeiras décadas do séc. XX sobretudo do esforço e trabalhos de amadores e curiosos, quase sempre sem preparação técnica. Deste quadro sombrio se destacam as contribuições de investigadores ligados à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, criadores da revista *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (1919) e introdutores em Portugal das representações cartográficas na distribuição de estações e achados. Este tipo de

abordagem, desenvolvida pela escola geográfica austro-húngara, nos finais do séc. XIX, permitia definir áreas culturais e sugerir hipóteses de migrações de povos, bem como a difusão de modelos culturais. Mendes Correia e Rui de Serpa Pinto serão, entre nós, dois cultores desta metodologia, que se encontra bem representada nos trabalhos de síntese sobre a Etnologia da P. Ibérica. É nesta perspectiva que podemos integrar os esforços de síntese de Mendes Correia (1924), principalmente com a sua obra *Os Povos Primitivos da Lusitânia* e *A Lusitânia Pré-romana*, inserida na História de Portugal de Damião Peres (1928).

Todavia, a partir dos anos 20 as grandes sínteses que integram o conhecimento sobre os castros, cuja investigação tão honrosamente havia começado com Martins Sarmento, passam a ser elaboradas além fronteiras. Os povos e culturas portuguesas passam, desde então, a inserir-se sistematicamente no âmbito peninsular e europeu através dos trabalhos de P. Bosch Guimpera, a quem se deve a definição da Cultura dos castros e a sua caracterização no âmbito da II Idade do Ferro peninsular, com base na tipologia dos seus povoados e na planta das habitações. Portugal perde peso na investigação deste domínio arqueológico tão preciso em que havia sido pioneiro.

Isso não significa que não se realizassem entre nós trabalhos, ou que novas publicações não fossem dadas à estampa. Na realidade, merecem justa homenagem os esforços de F. Alves Pereira e, em particular, os de Rui de Serpa Pinto, cuja brilhante inteligência lhe facultava um louvável poder de síntese. A sua morte precoce privou a arqueologia portuguesa de um dos seus mais notáveis e promissores vultos.

A arqueologia dos castros passará a ser dominada pela figura de F. Lopez Cuevillas, que durante 40 anos (anos 20-60) produz um extenso rol de trabalhos de carácter monográfico e de síntese, que contribuirá para precisar as características da Cultura castreja. Entre nós, e com uma acção de algum modo comparável, podemos destacar a figura de Mário Cardoso que a partir dos anos 30 presidirá aos destinos da Sociedade Martins Sarmento, dando continuidade aos

trabalhos do seu fundador. Com uma vultuosa obra, que constitui um ponto de referência para todos os que ao tema dos castros se dedicam, M. Cardoso soube honrar a Sociedade, liderando a investigação dos castros no Norte de Portugal, até à década de 70.

Todavia, a actividade arqueológica em Portugal não acompanhou o passo dos restantes países europeus. Não se renovaram as técnicas, nem a problemática de investigação. O nosso país manteve-se à margem dos debates teóricos que animaram a comunidade arqueológica internacional e que questionaram o sentido e a interpretação das sociedades pré e proto-históricas. Nos anos 70 o estudo das nossas culturas registava um notável atraso em relação às suas congéneres europeias.

A partir dos anos 70 assistiremos a um renovado interesse pelo estudo dos castros, traduzido por um significativo aumento do número de escavações, mas também por uma importante renovação metodológica. Alargaram-se as perspectivas de trabalho, que deixam de se centrar exclusivamente na caracterização da cultura material, passando a polarizar-se nas questões evolutivas da Cultura castreja. É nesta perspectiva que se inserem alguns dos trabalhos de síntese sobre os castros produzidos na década de 80. No entanto, estes trabalhos inserem-se ainda numa fase embrionária de investigação que, não deixando de ser fundamental, nos dá conta do considerável atraso da arqueologia nacional.

Por isso, não deixa de ser a todos os títulos legítimo enaltecer, mais uma vez, a figura ilustre de M. Sarmento: pela vitalidade do seu pensamento e pela actualidade do trabalho que produziu, em termos europeus. O pioneirismo português, relativamente à investigação dos castros, não mais voltou a registar-se, pois só a muito custo se conseguiu ultrapassar, entre nós, as inúmeras dificuldades que inibem, ainda hoje, o trabalho arqueológico.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CARDOSO, M. (1927). Bibliografia Sarmentina, *Revista de Guimarães*, 37, pp. 115 e 185.
- (1933). Dr. Francisco Martins Sarmento. Esboço bio-bibliográfico, *Homenagem a Martins Sarmento*, Guimarães.
 - (1945). Os fundadores da Sociedade Carlos Ribeiro e Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 55, pp. 13.
 - (1956). *Francisco Martins Sarmento. Esboço da sua vida e Obra científica*, Guimarães.
- CORREA, M. (1933). No centenário do nascimento de Martins Sarmento, *Estudos Portugueses do Integralismo Lusitano*, 2, 1/2.
- (1947). Histoire des recherches pré-historiques en Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 11, pp. 115.
- MEIRA, J. (1921). Homenagem a Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 31, pp. 176.
- PIMENTA, A. (1933). *Martins Sarmento Literato e Historiador*, Ed. Fernandes Júnior, Lisboa.
- SAMPAIO, A. (1899-1903). F. Martins Sarmento. 9 de Março de 1833 - 9 de Agosto de 1899, *Portugália*, I, pp. 417.